

Entrevista com Claudia Visoni

Claudia Visoni é jornalista, agricultora urbana e conselheira do Conselho de Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Cultura de Paz da Subprefeitura de Pinheiros. Trabalha ainda como voluntária nas hortas comunitárias das Corujas (Vila Madalena) e do Ciclista (Avenida Paulista).

O que é sustentabilidade?

Precisamos pensar melhor nessa palavra “sustentabilidade”. Afinal, quem é sustentável? Quem é que passa pelo mundo e não deixa nenhum rastro? O tempo todo lemos sobre “o alimento sustentável”, “a festa sustentável”, “a roupa sustentável” e não é bem assim. É necessário um olhar crítico para a própria palavra porque nós ainda não somos sustentáveis. Os ianomâmis são sustentáveis: eles vivem nas florestas, não produzem lixo, só retiram da natureza o que consomem e estão lá há centenas de anos. Mas o quão distante é a nossa vida da deles?

O importante é pensar que o mundo é compartilhado. Se a gente está usando demais, tem gente que está em privação, usando de menos.

O professor tem um papel importante para despertar a consciência ambiental em crianças e adolescentes?

O professor e a escola são fundamentais. Quando falamos em uma transformação ampla de hábitos pelo meio ambiente, com todo mundo envolvido, a escola é peça fundamental porque ela fala com todos: com o aluno e com a família através do aluno.

O oposto de sustentabilidade é insustentabilidade. Algo insustentável não segue em frente, seja por bem ou por mal, e eu trabalho para que seja por bem. Se a gente vai continuar consumindo dessa maneira, desperdiçando do jeito que desperdiçamos, desertificando o planeta e produzindo lixo, uma hora isso vai ter que parar.

Que a gente comece, então, essas mudanças de hábitos, que todos caminhem no mesmo sentido, e a escola propicia esse espaço de criação de novos hábitos. Até porque as questões ambientais são transdisciplinares.

Como tornar uma escola sustentável de maneira simples e com poucos recursos?

Na escola, os professores podem levantar questões. Da onde vem a água que estamos usando? Captar água da chuva, tratar a água do esgoto para reutilizá-la na escola são medidas simples, baratas, mas que implicam obras. Mas podemos tomar algumas outras atitudes. Além do cuidado com o desperdício de água, por exemplo, o professor pode levar a discussão para a sala de aula. “Qual é a conta de água da escola? Vamos olhar!. Ver onde está sendo gasta a água.” “O pátio descoberto da escola é lavado? Precisa?. Por que não esperar a chuva? Pra que lavar se dali a cinco minutos estará sujo de novo?”

O professor pode elaborar uma Feira de Ciências e pedir para que os alunos façam projetos de economia desses recursos.

Há outras questões também que podem ser levantadas. O que se joga fora na escola? Pesquisas dizem que 51% do lixo produzido no Brasil é resíduo orgânico. Por que não transformar isso em adubo? Mudar esses hábitos mudam outros, inclusive alimentares e são discussões para a sala de aula. “Tem muito papel de bala no lixo da escola. Bala faz bem? Por que não comer banana, se a casca vira facilmente adubo?” Olhar para o lixo é material pedagógico. As mudanças partem da análise da própria situação da escola.

Além de economizar água, reciclar o lixo, há outras maneiras de contribuir para a preservação do meio ambiente na escola e em nossas casas?

Veja, faz muitos anos que eu não compro uniforme para os meus filhos. Todo começo de ano, eu e outros pais fazemos uma feira de troca solidária para trocarmos uniformes e material escolar. Aquilo que você não usa mais, serve para alguém. Eu pego os uniformes de alunos mais velhos e doo os uniformes dos meus filhos para alunos mais novos.

E eu faço isso sempre, não só na escola. Participo de feiras que trocam roupas, brinquedos, utensílios de cozinha, livros, gibis. Se você tem três conchas de feijão em casa, vai usar tudo isso?

Essas feiras são auto-organizadas, um grupo de pessoas se junta e qualquer um pode fazer uma. O Instituto Alana tem divulgado algumas feiras de troca por São Paulo.

<http://alana.org.br>

Além de serem econômicas, elas criam vínculos entre as pessoas. As crianças ensinam as outras a brincarem com os brinquedos trocados.

Seu lema é “é possível ser feliz consumindo bem menos”. Como?

Estamos viciados em consumir, em comprar coisas que não precisamos nem vamos usar. Isso gera uma expectativa de que você precisa de algo para ser feliz. Quer um exemplo de consumo desnecessário? Presentes de Natal e de aniversários. Você tem 50 camisetas, ganha a 51ª. Esse consumo exagerado gera uma angústia do ter. Se você não tem algo que quer, se sente infeliz. Se você não tem dinheiro para comprar algo que quer, fica angustiada. E para ter esse dinheiro, a gente trabalha demais e deixa de fazer coisas legais.

Consumindo menos eu descobri uma porção de atividades prazerosas, como cozinhar, passear ao ar livre, fazer exercícios físicos. E passei a dar valor e a realmente usar aquilo que eu tenho em casa. Eu tenho uma calça jeans? Vou usá-la mais do que se eu tiver 16 calças jeans. Eu tenho um livro? Vou ler até o final, não preciso de mais outros 10 enquanto isso. E quanto terminar de ler, eu vou dá-lo para alguém que queira ler.